



# Arte na Escola<sup>®</sup>

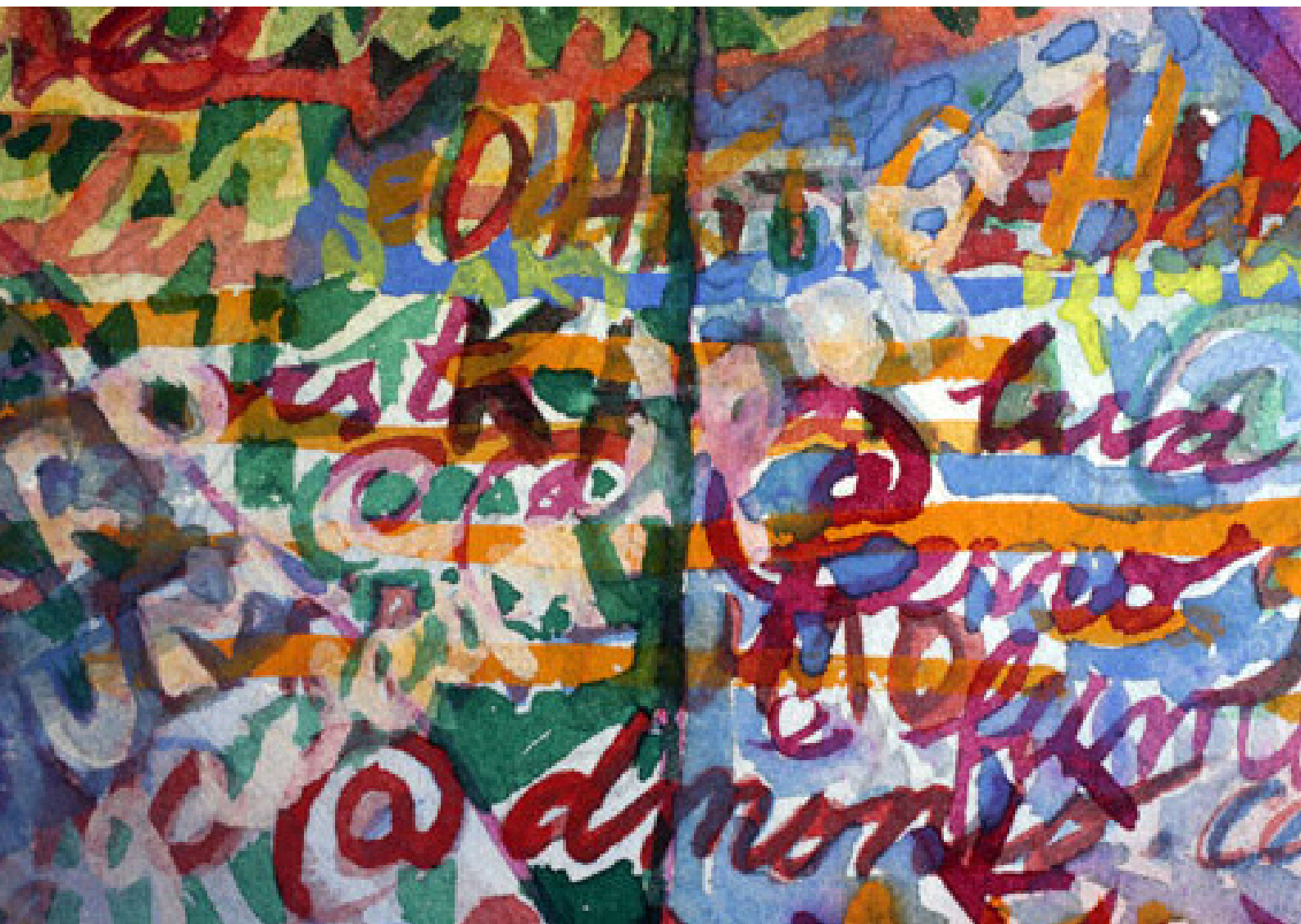
ISSN 1809-9254

IMPRESSO ESPECIAL

9912198952-DR/SPM

Arte na Escola

CORREIOS



## O ensino da Arte dentro e fora do Brasil

**Mariana Spravkin, da equipe de Artes do Ministério de Educação  
da Cidade de Buenos Aires, fala sobre o cenário na capital argentina**

CURRÍCULOS DE RIO GRANDE DO SUL, GOIÁS E PERNAMBUCO  
PROPÕEM NOVAS FORMAS DE ENSINAR ARTE NAS ESCOLAS

O Boletim Arte na Escola vem mapeando a gestação de Referenciais Curriculares Estaduais e Municipais em Arte, através dos quais é possível acompanhar o sonho dos arte-educadores para a sala de aula brasileira na próxima década. Considerando que, na prática, o professor de Arte conta com 32 horas/aula ano com seus – em média – 500 alunos, não seria antes de pensar num CURRÍCULO MÍNIMO para a disciplina de Arte? As reflexões sobre AVALIAÇÃO talvez possam nos conduzir a esta objetividade.

Que competências e quais habilidades o professor de Arte se sente responsável por desenvolver em seus alunos? Qual o imaginário que se está construindo para o brasileiro do século XXI?

**Evelyn Berg Ioschpe**

Presidente do Instituto Arte na Escola  
evelyn@artenaescola.org.br

2

## Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

### Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe,  
Sebastião Gomes  
Pedrosa, Sandra Suely  
dos Santos Francisco e  
Ana Lúcia S. de O.  
Nunes

### Editora

Mônica Kondziolková

### Subeditora

Silvana Claudio

### Colaboração

Roseli Alves

### Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB  
20.168/SP

### Redação

Fábio Galvão,  
Cecília Galvão e  
Raquel Zardetto  
(CGC Educação)  
**Projeto Gráfico**  
Zozí

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e  
opiniões para este  
informativo devem ser  
enviados para:

Instituto Arte na Escola;  
Alameda Tietê, 618 –  
casa 3 CEP 01417-020,  
São Paulo, SP Fone (11)  
3103.8080  
contato@artenaescola.org.br

# Fala Professor

## Que livro você leu e indicaria a outro professor de Arte?

› "O livro que indico é **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**, de V.Lowenfeld e W. L. Brittain. A obra traz à tona com competência a relevância da arte na estruturação da personalidade humana. Este fato obteve o êxito de a educação artística ser incorporada ao currículo das escolas públicas. Isto aconteceu não só por causa do seu considerável interesse e de sua influência na arte, mas também por sua preocupação e dedicação."

**Adna da Silva** / Santa Catarina

› "**Para Entender A Arte**, de Robert Cumming é um livro de apreciação estética e contempla 45 quadros importantes no mundo. Em cada quadro, uma pequena biografia e comentários concisos revelam significados e simbolismos ocultos nas obras. Com ilustração perfeita, permitindo uma boa apreciação, essa obra vale à pena fazer parte do nosso acervo."

**Adriana Borloth** / São Paulo

› "**Sugiro o livro Inteligência Aprisionada**, de Alcília Fernandez, pelo fato de trazer contribuições para a compreensão das dificuldades de aprendizagem. A arte pode libertar a mente aprisionada e as colocações da autora nesse campo são de grande importância."

**Adelzita Souza** / Acre

› "O livro é **A invenção da paisagem**, de Anne Cauquelin. Neste livro eu reconheci meu próprio trabalho expressivo, toda minha história e a conjugação deste com o trabalho pedagógico que venho desenvolvendo, que é Interdisciplinaridade via Estudo do Meio. Não posso deixar de citar dois outros livros que se relacionam com o assunto: **Farnese de Andrade**, de Rodrigo Naves; e **Interterritorialidade**, de Ana Mae Barbosa e Lilian Amaral."

**Acácio Arouche** / São Paulo

› "**As Memórias do Livro**, de Geraldine Brooks. O livro-objeto-enigma que conduz o fio da meada é mais que um livro, é um objeto de arte medieval. Além das viagens históricas e geográficas, esta obra também aborda, em meio ao enredo, outras manifestações artísticas. Uma leitura orientada pela perspectiva de onde podemos localizar e apreciar as diversas manifestações artísticas neste livro pode ajudar a reforçar a necessária transversalidade que a leitura, o fazer e o aprendizado da arte exigem hoje."

**Abel Sidney** / Rondônia

## ILUSTRADORA CONVIDADA

### Cleidi Albuquerque

Graduada em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina.



# Livro ensina os caminhos da avaliação formadora

**Proporcionar a reflexão e os caminhos para uma avaliação formadora, que prima pela autonomia, compartilhando ideias e decisões, compreendendo a avaliação como forma de aprendizagem e crescimento humano.**



› Este é um dos principais objetivos do livro "Avaliação na Educação: questões, tendências e modelos" organizado pelas professoras e pesquisadoras Sílvia Sell Duarte Pillotto, coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação da Universidade de Joinville (NUPAE-Univille) e Coordenadora da Casa da Cultura, unidade da Fundação Cultural de Joinville, e Maria Palmira Carlos Alves, docente do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho (Uminho) e Doutora em Educação (Desenvolvimento Curricular) pela Uminho e pela Universidade Pièrre Mendès France de Grenoble (França). A obra foi lançada no XXIII Encontro Nacional da Rede Arte na Escola, realizado de 13 a 16 de outubro, na Universidade Federal de Pernambuco, no Recife. Durante o evento, Sílvia doou para cada um dos polos da Rede o livro sob sua organização "Uma educação pela Infância". Sílvia Pillotto conta que escolheu o "complexo e necessário" tema avaliação porque ele "está atrelado às concepções filosóficas sobre processos de ensino e aprendizagem". Ela lembra que se interessou pela avaliação em 2006, quando iniciou a pesquisa "Processos de avaliação em arte: da formação superior ao ensino básico", na Univille. E aprofundou sua pesquisa ao fazer o pós-doutorado na Universidade do Minho, na cidade de Braga, Portugal, em 2008.

Nesta época, ela entrou em contato com a professora Maria Palmira, que também realizava pesquisas sobre avaliação. "Unimos nossos conhecimentos, saberes e perspectivas no intuito de aprofundar o tema e organizamos o 1º Congresso Internacional de Avaliação em Educação: Questões, Tendências e Modelos", que ocorreu na Univille, afirma.

A coordenadora do NUPAE-Univille explica que o livro apresenta "pesquisas e debates em todo o contexto da educação básica e aborda as tendências conceituais e metodológicas, com ênfase no portfólio e na auto-regulação". Na área específica de Artes Visuais, Sílvia destaca o método baseado nas "narrativas, em que estudantes e professor constroem seus percursos pessoais, ancorados em seus contextos e vivências".

Na opinião dela, é essencial na hora de avaliar saber definir critérios claros e objetivos coerentes aos conteúdos. "O que se pretende é um amadurecimento dos estudantes sobre o seu processo de aprendizagem",

afirma, ao destacar que "o portfólio tem sido um dos instrumentos mais adequados, pois propicia a visibilidade das trajetórias de conhecimento, vivências e saberes dos estudantes".

Sílvia Pillotto acredita que o livro poderá ser útil na formação dos professores de Arte porque articula as pesquisas realizadas no Brasil e em Portugal e materializa estes conhecimentos na comunidade universitária e escolar. "O livro poderá contribuir nos processos avaliativos de professores e estudantes, uma vez que não pretende oferecer fórmulas mágicas mas, sobretudo, proporcionar a reflexão e caminhos possíveis para uma avaliação formadora", diz.

A professora e pesquisadora ressalta a importância da direção da escola estar em sintonia com a comunidade escolar no campo da avaliação. "É fundamental um gestor que prima por uma educação significativa, menos conteudista e mais humanitária, e a avaliação precisa seguir a mesma linha de pensamento", recomenda. Sílvia Pillotto sugere ainda "romper a avaliação controladora, punitiva e quantitativa" e transformá-la em "uma avaliação que se preocupa com os aspectos culturais, sociais, ambientais, econômicos, políticos, bem como a formação do pensamento crítico".

Ela reconhece que o "maior drama" na avaliação hoje está relacionado ao currículo. "É muito difícil ensinar e aprender de forma fragmentada, num sistema disciplinar com enfoque ainda numérico e quantitativo", constata. Na visão dela, a arte na escola exige uma nova narrativa, com um currículo mais flexível e maior disponibilidade de tempo e espaço. Apesar de reconhecer que a avaliação em Arte sempre é subjetiva, ela destaca que "quando o professor tem claro os indicadores de aprendizagem, os objetivos e compartilha a definição de critérios de avaliação com os estudantes, os processos tendem a ser menos complexos".

Sílvia Pillotto revela que suas pesquisas indicam que muitos professores adotam somente a avaliação somativa, ou seja, buscam apenas os resultados finais das produções dos estudantes. "Entendemos a avaliação como processo integral e contínuo, pois fragmentar a avaliação em etapas pode comprometer o processo como um todo, especialmente se entendermos o sujeito e o meio em constante transformação", afirma.

3





HELENA PINHEIRO



## Entrevista

# Mariana Spravkin

*Escolas que há décadas dispõem de professores especializados em Música e Artes Plásticas. Uma instituição que há 25 anos se dedica a oferecer gratuitamente formação contínua dos docentes por meio de cursos, pós-graduações e capacitação na própria escola. Este é um recorte que compõe o cenário do ensino da Arte em Buenos Aires, Argentina. Nossa entrevistada, que participou da elaboração do documento referencial de Artes Visuais da capital argentina, comenta a importância destes e de outros aspectos para a qualidade da Arte que se ensina nas escolas em qualquer país.*

**No Brasil, além dos referenciais curriculares nacionais, vários municípios e Estados brasileiros têm elaborado os seus referenciais curriculares de Arte. Isso pode significar uma mudança de status da Arte nas escolas?**

A presença da Arte nos documentos curriculares nacionais, estaduais ou municipais, sempre contribui positivamente para assegurar o seu lugar dentro da escola. Isso ao menos indica uma intencionalidade das políticas educativas, algo que é necessário, mas que não é suficiente para que esses princípios se convertam em práticas de aula, que encontrem o seu lugar na escola. Para tornar efetivas as práticas da arte na escola é necessário que o Estado faça um acompanhamento dos documentos por meio de diversas ações, como criar modalidades de capacitação e atualização para os docentes; assegurar espaços físicos e horários na escola, além de formalizar convênios com instituições importantes de cultura (museus, teatros, centros culturais, entre outros) para que os estudantes possam assistir aos espetáculos, etc.

Uma vez na escola, a implementação real dos conceitos desenvolvidos nesses documentos seguirá caminhos muito diversos que têm a ver com as próprias concepções pedagógicas dos docentes, com suas ideias sobre arte e com suas próprias experiências culturais.

Mas o professor não é uma ilha e a questão também tem a ver com o quadro institucional em que o docente está inserido. Afinal, as instituições têm suas hierarquias, seus modos de questionar o saber e de estabelecer prioridades.

**Tendo em vista a sua experiência na elaboração do documento referencial de Artes Visuais da cidade de Buenos Aires, bem como em formação de professores, você poderia comentar a implementação deste documento na escola? Em sua opinião, o que deu certo? O que deu errado? Qual o papel do professor neste processo?**

As escolas de Ensino Fundamental da cidade de Buenos Aires dispõem de professores especializados em Música e Artes Plásticas já há muitas décadas. São eles que se encarregam dos preceitos dessas matérias. Logo, os desenhos curriculares foram criados

pensando em professores especializados, docentes graduados por uma Escola de Artes Visuais ou por um Conservatório Musical.

Entretanto, essa formação que os professores de Arte recebem tende a enfatizar muito mais os aspectos ligados à formação artística do que os aspectos ligados à formação pedagógica. Há carências nesse sentido e isso enfraquece a implementação dos desenhos curriculares e as mudanças conceituais e metodológicas que ali se propõem.

**Há um acompanhamento para checar se houve transformação concreta na sala de aula a partir da implementação do referencial de Artes Visuais da cidade de Buenos Aires?**

A cidade de Buenos Aires está dividida em 21 distritos escolares. Cada um deles conta com uma equipe de supervisores e dentro dessas equipes há supervisores para as Artes Visuais. Esses cargos são pedagógicos e as pessoas que os ocupam já foram docentes de Artes, ou seja, provêm de uma trajetória escolar. Uma das funções é supervisionar os docentes de Artes Visuais, fazendo um acompanhamento de suas práticas em sala de aula. A dificuldade é que esse cargo abrange muitas funções e a cidade é muito grande, possui muitas escolas. Isso quer dizer que as visitas aos professores e as observações em classe são esporádicas.

**Existem políticas públicas de formação contínua de professores para a cidade de Buenos Aires? Em sua opinião, até que ponto e como a educação continuada pode colaborar com o professor na apropriação dos referenciais para a sua prática em sala de aula?**

Na cidade de Buenos Aires existe uma instituição que se dedica à formação contínua ou capacitação dos docentes por meio de cursos, pós-graduações, assim como capacitação na escola. Essa instituição funciona há 25 anos, é gratuita e de participação voluntária. Em minha opinião, nenhuma formação pode abranger todo o conceito de ensino e grande parte da formação dos docentes em Artes Visuais se desenvolve dentro do ambiente de trabalho.



» Além disso, as ideias pedagógicas se transformam à medida que aparecem novos conceitos de ensino. Assim, até mesmo os docentes experientes têm de se atualizar.

As mudanças não acontecem sozinhas ou pela palavra escrita. Creio que há muito mais envolvido e por isso é preciso acompanhar o docente na formação e atualização profissional. Isso vai se refletir nas práticas de aula, para citar um exemplo, atualmente se vê muito mais grupos escolares em museus de Artes Visuais e muitos museus da cidade dispõem de guias para atender tanto as crianças pequenas quanto os adolescentes. Há uma resposta social a uma demanda escolar.

A presença da escola nos museus é algo que sempre foi preservado nos desenhos curriculares e em outros documentos de trabalho e que se manteve atualizado. Creio que as mudanças na educação são processos lentos, que levam tempo e demandam esforços a partir de diferentes perspectivas do sistema educacional.

**O que você sugere aos professores que têm acesso aos referenciais curriculares, mas não contam com oportunidades de formação contínua? De que maneira eles podem se apropriar destes documentos?**

Creio que a leitura e o debate “com outros”, com seus pares, o intercâmbio de ideias, a análise de práticas entre docentes da escola são maneiras de romper o isolamento dos docentes e de socializar as práticas de ensino.

**Segundo dados do último censo do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), realizado em 2003, no Brasil há cerca de 4.466 professores de Arte em exercício sem licenciatura. Como você pode orientar estes professores a iniciar um bom plano de curso?**

Penso que antes de poder ensinar a arte, é preciso aprender sobre ela. Não se pode ensinar o que não se conhece. Os professores têm de ir aos museus, inteirar-se dos eventos culturais de sua cidade, devem aproximar-se da arte contemporânea, etc. Enfim, precisam ampliar seus horizontes culturais.

Do ponto de vista didático, vale o que foi dito anteriormente quanto aos espaços para o encontro e para compartilhar problemáticas do ensino da arte, para ler e discutir textos específicos da didática das Artes Visuais e relacionar a teoria à prática.

As escolas também podem convidar conferencistas ou criar ateliês para os próprios docentes. Creio que os diretores das escolas podem ser um motor, podem incentivar a realização desse tipo de encontro.

**Os professores brasileiros têm, em média, 35 alunos numa sala de aula. Você considera que o número de alunos impacta na qualidade do ensino?**

Não há dúvida que sim. Um docente deve conhecer seus alunos e ser capaz de atender as necessidades deles em termos de aprendizado. Se aceitarmos que as crianças são diferentes umas das outras, que têm

ritmos e modos de aprender diversos, então é preciso que a escola tenha as condições que permitam ao professor interagir efetivamente desse modo. E uma das condições é a quantidade de alunos por sala. Quando se trata de Artes Visuais, soma-se a diversidade de que se manifesta nos modos distintos em que cada criança trabalha. Não há fórmulas em massa, nem há respostas padronizadas. O docente deve, por isso, poder acompanhar a diversidade e também dedicar tempo aos alunos que mostrarem dificuldades. Tudo isso é muito difícil em grupos muito numerosos.

**Que dicas você pode dar aos professores ao avaliar seus alunos em Arte? Há procedimentos mais indicados?**

Em primeiro lugar, eu diria, o professor tem de estar convencido de que a avaliação é valiosa para si mesmo e para os alunos, que é uma oportunidade para o diálogo, para o intercâmbio e a reflexão. Se o caso se resume a “dar notas”, perde-se essa oportunidade.

A avaliação é uma parte vital da criação artística, os artistas avaliam o seu trabalho. Fazem-no para si mesmos e por que precisam fazê-lo, não por obrigação. Seria fantástico se algo assim pudesse ocorrer em uma sala de aula.

Em relação a formatos de avaliação não vejo por que replicar os clássicos formatos escolares, e nem devemos nos restringir a observar os trabalhos. Pode-se fazer muito mais. É importante que as crianças tomem a palavra: que falem de seus trabalhos, de seus processos; que analisem, relacionem, que observem e que consigam encontrar semelhanças e diferenças. Esses processos de socialização da experiência são verdadeiras avaliações formativas que devem ser aproveitadas.

**Mariana Spravkin integra a equipe de Artes do Ministério de Educação do Governo da Cidade de Buenos Aires, onde desenvolve atividades na Direção de currículo e ensino. Encarregada da disciplina de Didática da Educação Plástica em instituições de formação superior, trabalha na capacitação de docentes no Centro de Pedagogias de Antecipação (CePA), ligado ao governo da cidade de Buenos Aires. É co-autora do Desenho Curricular para a Educação Primária da Cidade de Buenos Aires e autora do Desenho Curricular de Plástica para o Nível Inicial da província de Córdoba, assim como de outros documentos de desenvolvimento curricular destinados a docentes de Artes Plásticas da cidade de Buenos Aires. É Licenciada em Artes com orientação no ensino, graduada pela Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), República Argentina. Professora de Artes Visuais na especialidade de pintura. Graduada pela Escuela Nacional de Bellas Artes “Prilidiano Pueyrredón” da cidade de Buenos Aires. Especialista em Didática das Artes Visuais em Educação Primária e de Nível Inicial.**





# Arte contemporânea e diversidade cultural se unem nos novos currículos estaduais

**Uma nova maneira de ensinar Arte nas escolas públicas está em construção no Rio Grande do Sul, Goiás e Pernambuco.**

- Os três Estados acabam de publicar novas orientações curriculares, com estruturas teóricas e, o mais importante, sugestões de práticas em sala de aula. Em comum entre as novas referências, a ideia de mostrar a infinita diversidade cultural e artística do mundo atual. Uma outra visão da relação professor-aluno também é proposta, principalmente na abordagem da avaliação. O Rio Grande do Sul, por exemplo, sugere um novo "contrato" para avançar rumo a uma "avaliação progressista". Em Goiás, o aluno é convidado a ser um co-autor do processo avaliativo. Já em Pernambuco, o debate curricular é direcionado para a superação de uma visão antiga e preconceituosa, para uma prática contemporânea e democrática.

## Lições do Rio Grande

Lançado no final de setembro, o novo referencial curricular elaborado pela Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul ganhou o nome de Lições do Rio Grande e tem como base o tripé ler, escrever e resolver problemas. Direcionado para os alunos das séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, ele descreve em detalhes os fundamentos teóricos e as sugestões de práticas pedagógicas que o professor pode adotar na sala de aula. Na apresentação do documento, a secretaria diz que será a partir do referencial que cada escola organizará o seu currículo e ressalta que o objetivo central é garantir o direito de o aluno aprender. "A autonomia pedagógica da escola consiste na liberdade de escolher o método de ensino, em sua livre opção didático-metodológica, mas não no direito de não ensinar, de não levar os alunos ao desenvolvimento daquelas habilidades e competências cognitivas ou de não abordar aqueles conteúdos curriculares", diz. O referencial curricular reconhece que a formação dos professores em Arte ainda "não atende à diversidade da demanda de trabalho em todas as escolas". Para tentar suprir esta carência, a secretaria está fazendo várias parcerias, entre elas com a Rede

Arte na Escola. A coordenadora do Polo na Fundarte/Montenegro, Isabel Petry, que também coordenou o grupo das Artes dos referenciais, informa que as novas diretrizes serão implantadas gradativamente. "Inicialmente, haverá um seminário de implantação dos referenciais para professores de universidades inscritas no projeto de capacitação", diz. Depois serão ministrados cursos de capacitação para os multiplicadores e estes estarão encarregados de disseminar os referenciais para toda a rede através de cursos e oficinas.

Na opinião de Isabel Petry, esta união será fundamental para assegurar uma formação continuada e consistente dos professores, contribuindo assim para melhorar a qualidade do ensino de Arte no Rio Grande do Sul. "Acredito que a expectativa seja a utilização dos referenciais como suporte pedagógico e de estudo para melhoria da prática, já que os referenciais poderão servir de elemento de estudo e reflexão do professor", afirma.

Lições do Rio Grande prega "outro modo de alfabetização" em Artes, ultrapassando os limites do conhecimento histórico ou a aquisição de repertório para habilitar uma interação cultural que se vincula à reflexão, à crítica e a um fazer comprometido com diferentes linguagens. O novo referencial curricular propõe também que os professores sempre considerem "a interdisciplinaridade e as abordagens integradas ao sistema de ensino com outras áreas do conhecimento".

As quatro linguagens artísticas são desenvolvidas em temas estruturantes e suas respectivas estratégias de ação. Apresentados em formato circular para "evidenciar a inter-relação e a ausência hierarquia", os temas estruturantes são definidos por áreas temáticas e compostos por competências/habilidades; blocos de conteúdos e sugestões/estratégias/operacionalização. O referencial chama a atenção para o fato de que "o trabalho em sala de aula não se resume a exercícios com estes elementos" e observa que tantos os conteúdos quanto suas práticas são sugestões "não se restringindo o trabalho somente ao que está proposto".

## » Avaliação progressista

A avaliação também é tratada de forma diferenciada em cada linguagem da Arte. De modo geral, o documento fala em um "contrato" entre o professor e o aluno, no qual "ambos devem definir juntos aquilo que se deseja avaliar e o método e os critérios que serão utilizados". Neste ponto, o texto enfatiza que este "procedimento contrasta com uma perspectiva tradicional de avaliação (classificatória, estática, mecanicista, autoritária e com o foco exclusivo no aluno)" e propõe uma avaliação "progressista, que é diagnóstica, dinâmica, coletiva, reflexiva, dialógica, com foco no aluno, no professor e no processo de ensino aprendizagem".

Na opinião de Isabel Petry, "a avaliação é entendida como processo contínuo e integrante da aprendizagem". Segundo ela, além dos instrumentos sugeridos, como portfólio, diários de trabalho, vídeos, exposições e textos, o professor poderá adotar outros, mas é fundamental que ele avalie "o que, o quanto e como o aluno compreendeu e construiu seus conhecimentos". Para a coordenadora do Polo do Arte na Escola, os referenciais vão transformar a educação de Arte no Estado. "Pela primeira vez o Rio Grande do Sul disponibiliza um material desse tipo à rede escolar", comemora.

## Diversidade no Centro Oeste

Em Goiás, a Secretaria Estadual de Educação vem realizando desde 2004 um amplo debate entre os professores, diretores e coordenadores para construir as novas matrizes curriculares. O resultado é um trabalho bem estruturado, mas ainda muito centrado na teoria, reconhece Henrique Lima, um dos autores do projeto e membro do Centro de Estudos e Pesquisa Ciranda das Artes, unidade da secretaria que faz a formação continuada dos docentes nas quatro linguagens artísticas.

Segundo ele, a reorientação curricular do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental começará a ser executada na prática em 2010, com a realização de seminários semanais e diversos cursos para toda a rede estadual. "Haverá também, a partir de agora, uma interação maior com o Polo do Arte na Escola de Goiás para a formação continuada dos professores, com a discussão de mais conteúdos e práticas pedagógicas em sala de aula", explica o professor Henrique Lima. Ele conta que a ideia é focar o ensino em uma arte mais contemporânea e que o primeiro passo do trabalho de reorientação curricular foi perguntar aos professores: o que você gostaria de ter no currículo? "Os professores responderam que queriam indicações de novos artistas, mais arte popular e indígena. Eles querem sair da visão eurocêntrica e machista e contemplar mais a diversidade do currículo", afirma. Com o título "Um currículo voltado para a diversidade cultural e formação de identidades", o documento goiano é composto por reflexões comuns às quatro linguagens da Arte, suas questões específicas,

eixos temáticos para cada série e as expectativas de aprendizagem. Um dos objetivos, diz a secretaria, é "minimizar as assimetrias conceituais, metodológicas e práticas que caracterizam as diferentes localidades do Estado".

Um dos aspectos enfatizados no texto é "a centralidade dos sujeitos" (professores e alunos) e o envolvimento deles com a cultura, a arte e a imagem. O documento pressupõe "levar os sujeitos a experimentarem manifestações culturais de segmentos sociais minoritários, como o universo feminino, homossexual, afro-brasileiro, indígena, da classe trabalhadora e dos sujeitos com necessidades especiais, extrapolando as aprendizagens para além do universo branco, masculino e europeu, de classe alta, que tradicionalmente dominaram os temas de focos de estudo da arte." A abordagem metodológica da proposta é fundamentada na compreensão crítica, contextualização e produção, com as três instâncias sem "uma hierarquia na qual uma deve se sobrepor a outra". A reorientação curricular indica aos professores trabalharem eixos temáticos que "podem ser estudados em qualquer ano letivo, mediante escolha de professores e estudantes". Neste sentido, destaca o texto, "pode-se afirmar que não é quantidade de modalidades artísticas que determina a qualidade do processo educativo, mas a profundidade e consistência com que são desenvolvidas".

## Seis maneiras de avaliar

Quanto às questões relacionadas à avaliação, a matriz curricular entende seu caráter processual e contínuo, autêntico e formativo e enfatiza a sintonia entre o trabalho pedagógico e as expectativas de aprendizagem. O documento sugere seis instrumentos de avaliação: 1) prova escrita para averiguar a apropriação dos conceitos; 2) auto-avaliação oral ou escrita, individual ou em grupo; 3) diários de bordo, com registros e anotações sobre o que aprendeu e como aprendeu; 4) portfólio, para analisar tanto o processo quanto o produto final; 5) ensaios, onde os alunos manifestam sua opinião crítica; e 6) mostras que possibilitem avaliar o resultado final as produções.

O texto frisa também que o processo de avaliação deve verificar, além do aprendizado do aluno, "a forma como se deu a mediação do professor no processo ensino-aprendizagem". A matriz ressalta a importância de o estudante participar da "definição prévia dos resultados a serem atingidos e do modo como serão avaliados", um procedimento que contribui para que eles "se sintam co-autores do processo e responsáveis por sua própria aprendizagem". Segundo o professor Henrique Lima, a matriz foi pensada para formar alunos "produtores de sentidos e da cultura local e que compreendam e interpretem o imaginário". Lima ressalta que o debate curricular não se esgota e lembra que novos cadernos estão previstos para 2010. "O importante é que o documento gera demandas, tanto por formação de espaços, quanto por mais formação intelectual", afirma.





## » Sem preconceito em Pernambuco

Em Pernambuco, a Secretaria de Educação apresenta as "orientações teórico-metodológicas para as linguagens da Arte" com o "intuito de contribuir para uma práxis pedagógica que democratize o universo da arte, possibilitando aos estudantes que elaborem e re-elaborem leituras de mundo mais amplas e complexas".

O texto sugere aos professores romper com a concepção de uma educação artística na qual o educador tinha um papel de "organizar e decorar festas escolares que obedecia ao calendário folclórico, cívico e religioso, não necessitando buscar ser um conhecedor de arte".

De acordo com as orientações curriculares, o ensino de Arte nas escolas sofre até hoje um preconceito instituído pelos europeus. "A Europa universalizou a ideia de que o artista pertencia à etnia branca e ao gênero masculino, instituindo no Brasil um preconceito artístico que reverbera até hoje, traduzindo-se nas expressões arte erudita e arte popular". Para superar tais preconceitos, diz o documento, é preciso adotar a Arte/Educação contemporânea, "permeada do princípio da interculturalidade que aponta para a interação/inter-relação entre diversas culturas". Na visão dos autores do texto, o "papel do arte-educador configura-se como o problematizador do universo da arte" e deve se abrir para as manifestações culturais do cotidiano.

Do ponto de vista metodológico, as orientações curriculares de Pernambuco citam o livro "A Imagem no Ensino da Arte", da professora Ana Mae Barbosa, ao registrar que a Arte/Educação contemporânea trabalha com "a abordagem triangular, compreendida como um sistema que inter-relaciona três ações: a contextualização, a leitura interpretativa e o fazer artístico". O documento destaca que "por ser um sistema aberto", a abordagem triangular propõe a "superação do processo adivinhatório" e "possibilita a articulação das ações, pelo professor, de acordo com seus conhecimentos em arte, considerando os saberes culturais dos estudantes".

O professor Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, da equipe de ensino em Arte/Educação da Secretaria de Educação, explica que a abordagem triangular coloca "em xeque a concepção de que arte não se ensina, com ênfase no fazer desvinculado do acesso ao universo da arte". De acordo com ele, a proposta

é colocar a "leitura da imagem (da obra de arte e da estética do cotidiano) como ênfase do ensino e da aprendizagem em arte".

O texto elaborado pela Secretaria de Educação de Pernambuco ressalta que a obra de arte é compreendida hoje como texto e suas quatro linguagens possuem uma gramática própria. "As Artes Visuais têm como seus atributos a linha, a cor, textura, a forma; o teatro: a palavra, a mímica facial, o gestual, o cenário, a maquiagem; a música: a melodia, a harmonia, o ritmo; a dança: o ritmo, o espaço, o movimento", relata o documento. Ele enfatiza que "não há fronteiras definidas entre essas linguagens" e constata a importância de "uma arte híbrida", na qual, por exemplo, "o cinema, o vídeo-arte, o vídeo clipe se compõem de elementos visuais, teatrais e sonoros".

## Avaliação nebulosa

Na opinião do professor Sebastião Pedrosa, coordenador do Polo Arte na Escola da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), as orientações teórico-metodológicas ainda são muitos "gerais e teóricas" e ainda há algumas lacunas, principalmente nos processos avaliativos. "A questão de avaliação ainda é muito nebulosa no documento do Estado. Ainda há muita confusão entre avaliação e nota", afirma. Pedrosa defende uma "avaliação permanente, reflexiva, individual e coletiva" e acredita que ela constitui hoje um dos principais ingredientes para "mudar o conceito de qualidade" da educação em Arte. Para melhorar a prática na sala de aula, ele ressalta que a parceria entre a Secretaria de Educação e o Instituto Arte na Escola vem ajudando no desenvolvimento profissional dos professores. "A parceria oferece mais instrumentos para o professor na sala de aula. Os DVDs do Arte na Escola aprofundam os temas. Os professores estão muito entusiasmados; é gratificante", afirma.

Fernando Azevedo, da Secretaria de Educação, lembra também que estão em funcionamento para os professores três cursos de especialização em Arte/Educação na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e no Centro de Artes da UFPE, além da articulação com o Arte na Escola, que atende um grupo de 160 professores. "Nossa meta é multiplicar os conhecimentos construídos em Arte/Educação", afirma.

